



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

LIANDRA SAMARA COSTA BARROS

**LEVANTAMENTO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NAS FEIRAS LIVRES DE
MOSSORÓ**

PAU DOS FERROS

Maio 2017

LIANDRA SAMARA COSTA BARROS

**LEVANTAMENTO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NAS FEIRAS LIVRES DE
MOSSORÓ**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, Campus Pau dos Ferros como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Orientador: Janaína Cortêz de Oliveira, Profa. Dra.

Co-orientador: Antônio Carlos Leite Barbosa, Prof. Me.

PAU DOS FERROS

Maio 2017

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

B2681 Barros, Liandra Samara Costa.
Levantamento de Produtos Orgânicos nas Feiras
Livres de Mossoró - RN / Liandra Samara Costa
Barros. - 2017. 53 f. : il.

Orientadora: Janaína Cortêz de Oliveira.
Coorientador: Antônio Carlos Leite Barbosa.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Ciência e Tecnologia,
2017.

1. Agricultura Orgânica. 2. Agrotóxicos. 3.
Alimentos. 4. Qualidade de Vida. 5. Saúde. I.
Oliveira, Janaína Cortêz de, orient. II. Barbosa,
Antônio Carlos Leite, co-orient. III. Título.

LIANDRA SAMARA COSTA BARROS

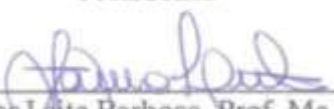
**LEVANTAMENTO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NAS FEIRAS LIVRES DE
MOSSORÓ**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, Campus Pau dos Ferros como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Aprovada em: 19 / 05 / 2017.

BANCA EXAMINADORA


Janaína Cortêz de Oliveira, Profa. Dra. (UFERSA)
Presidente


Antônio Carlos Leite Barbosa, Prof. Me. (UFERSA)
Membro Examinador


Elaine Welk Lopes Pereira Nunes, Dra. (UFERSA)
Membro Examinador


Julius Victorius Diógenes Paiva, Esp. (UFERSA)
Membro Examinador

Dedico esse trabalho aos meus pais, meus irmãos e ao meu namorado que sempre me apoiaram e me dão motivos para eu não desistir. Me dão forças para estar e continuar aqui. Em especial ao meu irmão Moisés que está aqui comigo todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento eu quero agradecer ao meu bom Deus pelo dom da vida, pela graça da saúde que tenho e graças a ele eu consegui realizar este meu trabalho.

Aos meus pais por todo apoio, por sempre estarem comigo. Por terem me dado condições para estudar e me ajudado para que eu pudesse me formar no meu primeiro curso de nível superior, petróleo e gás. Agradeço imensamente por terem aceitado minha decisão de fazer outro curso.

Aos meus irmãos por me darem forças e me ajudarem sempre que preciso. Obrigada em especial ao meu irmão Igor Moisés Costa Barros por me levantar quando estou triste e por todos os dias ter tido paciência comigo. Saibas que sem você talvez eu não estivesse aqui.

Ao meu querido namorado Abel Ícaro Moura Maia, graças a Deus e a ele estou aqui pois o mesmo me inscreveu nesse curso e quando eu passei ele me deu total apoio para que eu viesse todas as segundas de Mossoró para Pau dos Ferros estudar novamente. Teve muita paciência comigo em relação ao meu tempo de estudo.

A minha orientadora, professora Dra. Janaína Cortêz de Oliveira, por acreditar que eu fosse capaz. Agradeço por todas as vezes que corrigiu meu trabalho, pela paciência, cada conselho e cada dica que me destes.

Ao meu co-orientador, meu professor Antônio Carlos Leite, primeiro agradecer por toda paciência e por todo conhecimento compartilhado. És um grande profissional e muito me orgulha de ter sido sua aluna em duas disciplinas. Muito obrigada por sempre está à disposição.

Agradeço à banca examinadora, a professora Elaine Welk Lopes Pereira Nunes e Julius Victorius Diógenes Paiva por terem aceitado participar e colaborar.

Muito agradeço as poucas amigas que tenho e que são sinceras, em especial duas que são bastante presentes em meu dia-a-dia na Universidade, minhas amigas Karolayne

Santos de Azevedo e Maria Kauana Mesquita, que estão sempre dispostas a me ajudar, muito obrigada pelo apoio e preocupação que têm comigo.

“ Há uma força mais poderosa que o vapor, a
eletricidade e a energia atômica: A vontade”

(Albert Einstein)

RESUMO

Com a busca por uma vida mais saudável e longa, as pessoas tornaram-se cada vez mais seletivas em suas escolhas, procurando assim, mudanças de hábitos que propiciem uma melhor qualidade de vida. A agricultura orgânica por sua vez vem ganhando espaço pois é uma técnica que não usa agrotóxicos em seus cultivos, tornando um produto mais saudável para os consumidores. Essa prática além de preservar, não polui o lençol freático com agrotóxicos, evitando a degradação dos solos, uma vez que os produtores tentam equilibrá-lo antes do cultivo, o que pode restaurar também a biodiversidade local, promovendo assim a sustentabilidade ambiental, não degradando o ambiente e garantindo o futuro das próximas gerações. Nesse sentido este trabalho teve como objetivo estudar a produção e comercialização de orgânicos em duas comunidades rurais do município de Mossoró/RN, os motivos que impulsionaram os produtores a produzirem os orgânicos, os fatores limitantes dessa prática, identificando os principais produtos e os consumidores. O trabalho apresentou metodologia de caráter qualitativo e quantitativo com estudo de caso que explorou a comunidade rural. Através da aplicação de questionários com os produtores e consumidores, foram analisados vários fatores envolvidos nesse processo. Os principais resultados evidenciaram que o consumo de orgânicos tem crescido de maneira expressiva, e que os consumidores se mostraram mais preocupados com a saúde e a qualidade de vida. Dessa forma, entendeu-se que os avanços têm sido significativos nessa área, onde o mercado de orgânicos mostrou-se como comércio mais justo, embora alguns pontos ainda dificultam a produção como a escassez de água, o controle de pragas e doenças. A certificação foi um dos pontos apontados como fator de dificuldade no processo e vendas dos produtos tendo em vista principalmente os custos para obtenção dos selos.

Palavras-chave: Agricultura Orgânica. Agrotóxicos. Alimentos. Qualidade de vida. Saúde.

ABSTRACT

With the search for a healthier and longer life, people have become more and more selective in their choices, looking for changes of habits that propitiate a better quality of life. Therefore, organic agriculture has been gaining ground because it is a technique that does not use agrochemicals in its crops, making it a healthier product for consumers. This practice, in addition to preserving, does not pollute the water table with agrochemicals, avoiding soil degradation as farmers try to balance it before cultivation, which can also restore local biodiversity, thus promoting environmental sustainability and not degrading the environment, ensuring the future of the next generations. In this sense, the objective of this paper was to study the production and commercialization of organic products in two rural communities in the city of Mossoró/RN, the reasons that motivated the producers to produce the organics, the limiting factors of this practice, identifying the main products and the consumers. The study presented a qualitative and quantitative methodology with a case study that explored the rural community. Through the application of questionnaires with the producers and consumers, several factors involved in this process were analyzed. The main results showed that organic consumption has grown significantly, and that consumers have been more concerned about health and quality of life. Thus, it was understood that the advances have been significant in this area, where organic market has shown to be more fair trade, although some points still hinder production such as water scarcity, pest and disease control. The certification was one of the points pointed as a factor of difficulty in the process and sales of the products, mainly considering the costs to obtain the stamps.

Keywords: Organic Agriculture. Pesticides. Foods. Quality of life. Health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Crescimento mundial de áreas agrícolas orgânicas certificadas.....	29
Figura 02: Renda familiar dos produtores orgânicos, no Estado do Rio Grande do Norte.....	32
Figura 03: Consumo e benefícios dos produtos orgânicos.....	36
Figura 04: Consumo de produtos não orgânicos e dificuldade para encontrar os orgânicos...	38
Figura 05: Frequência que vão a feira e a frequência de consumo dos orgânicos.....	39
Figura 06: Consumo de orgânicos e benefícios dos produtos orgânicos.....	42
Figura 07: Consumo de produtos não orgânicos e dificuldade para encontrar os orgânicos...	43
Figura 08: Frequência em que vão a feira e a frequência do consumo.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Áreas certificadas e outras áreas orgânicas de acordo com os continentes.....	30
Tabela 02: Informações sobre os principais países frente à agricultura orgânica.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APROFAM	Associação de Produtores e Produtoras da Feira Agroecológica de Mossoró
Bel	Bacharel
Dra	Doutora
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Me	Mestre
ONU	Organização das Nações Unidas
OCS	Organização de Controle Social
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

LISTA DE SÍMBOLOS

©	Copyright
%	Porcentagem
\$	Cifrão

Sumário

1 INTRODUÇÃO	16
2 OBJETIVOS.....	19
2.1 Objetivo Geral	19
2.2 Objetivos Específicos.....	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 O que é produção orgânica.....	20
3.2 Sustentabilidade Ambiental	20
3.3 Histórico da produção orgânica.....	22
3.4 A agricultura Orgânica no Brasil	23
3.5 A regulamentação da produção orgânica	25
3.6 A diferença entre os métodos convencionais e os métodos orgânicos.....	26
3.7 Produção orgânica: apontamentos multiesferas	29
3.8 Considerações sobre a Agricultura Orgânica no Estado do Rio Grande do Norte.....	32
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	34
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
7 CONCLUSÕES	45
REFERÊNCIAS	46
ANEXO A	50
ANEXO B.....	52

1 INTRODUÇÃO

A agricultura orgânica para Roel (2012) é definida como sendo todos os modelos de agricultura alternativa em que a produção de alimentos não utiliza produtos químicos sintéticos. Nesse sentido, este conceito que engloba muitos outros, tendo em vista que, a agricultura biodinâmica, agricultura biológica, a permacultura e a agroecologia também se enquadram nessa definição. Diante disso, Santos et al (2012) afirmaram que a agricultura orgânica constitui um sistema de produção de base ecológica, que pode proporcionar não somente benefícios à biodiversidade e ao meio ambiente, como ao ser humano.

Considerando os benefícios aos seres humanos, ao meio ambiente e a biodiversidade, percebe-se que se trata de um modelo de produção ambientalmente sustentável, visto que o Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2010) afirma que conceitua o desenvolvimento sustentável é “uma relação entre sistemas econômicos dinâmicos e sistemas ecológicos maiores, também dinâmicos de tal forma se estruture uma relação na qual os efeitos das atividades humanas permanecem dentro de limites que não deterioram a saúde e a integridade de sistemas que fornecem o contexto ambiental para essas atividades.

A agricultura orgânica apresenta uma amplitude crescente no mercado de produção agrícola, em virtude da constante preocupação com as questões ambientais e com a saúde humana, é crescente e notória a busca por métodos menos danosos ao meio ambiente e saúde. Segundo a Associação de Agricultura Orgânica (AAO, 2017) o plantio orgânico surge como estratégia para promover o desenvolvimento sustentável, pois minimiza os agravantes ambientais associados às práticas agrícolas extensivas, contribuindo para a preservação do meio ambiente e desenvolvimento de cultivos mais saudáveis, assegurando assim a produção atual sem comprometer a capacidade produtiva das gerações futuras.

Esse método é caracterizado pela utilização de produtos naturais menos agressivos ao ambiente, além do uso consciente dos recursos naturais, contribuindo para o desenvolvimento e fortalecimento de boas relações sociais e culturais, que são fundamentais para promover o desenvolvimento sustentável. De acordo com a Organicsnet (2014) muitos países como Austrália, Argentina, Estados Unidos, China, Espanha e Brasil, estão implementando essa técnica de cultivo, tendo em vista os vários benefícios. Aponta-se ainda que com os avanços na produção de alimentos os consumidores tornam-se mais exigentes e celetistas, procurando com maior frequência alimentos saudáveis, visando à saúde e qualidade de vida. Frente a esse cenário, existem algumas desvantagens comparando com os métodos

convencionais, como os fatores econômicos, os custos iniciais elevados, o selo de garantia, o controle de pragas e doenças.

No Brasil, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA é o órgão responsável por monitorar e estabelecer as diretrizes para a produção de orgânicos, no entanto, essas atividades não são desempenhadas de forma direta, tendo em vista que a Coordenação de Agroecologia e Produção Orgânica é responsável pela execução de todas as ações amparadas pelos marcos legais instituídos pela legislação brasileira.

Segundo a Coordenação de Agroecologia COAGRE (2016) em 2013 as unidades de produção orgânica mundiais somavam 6.700 unidades, já no ano de 2016 esse número passou para 15.700, configurando um expressivo crescimento de 117,16%, e, para 2017, estima-se que a elevação na produção de alimentos orgânicos continue progredindo. Ressalta ainda que o crescimento esperado para 2017 poderá ser impulsionado pela agricultura familiar.

Apesar dos altos índices de crescimento da produção dos orgânicos e da boa aceitação por parte dos consumidores, é importante ressaltar alguns pontos que devem ser observados, tal como a falta de conhecimento por parte dos produtores, por trata-se uma técnica relativamente nova e que precisa de mão de obra qualificada, comparada ao método convencional. Outro aspecto a ser discutido são os custos elevados com a certificação do produto, que pode ser a atuação dos pequenos produtores nesse segmento. Nesse contexto, pode-se recorrer aos financiamentos bancários, no entanto, poucos têm acesso ao crédito rural, e, a certificação é limitada no Brasil, impossibilitando maiores progressos frente a produção orgânica (SOUSA, 2015).

O cultivo de orgânicos no Rio Grande do Norte se concentra na produção de subsistência, configurando-se como uma atividade estritamente familiar. No município de Mossoró/RN, as condições seguem o padrão estadual, em que o cultivo se dá basicamente pela agricultura familiar, sendo ampliada segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa (SEBRAE, 2014) com o crescimento do número de novos produtores. Além de considerar a entrada de agricultores junto à produção orgânica, é necessário discutir ainda o incentivo das políticas públicas, uma vez que com auxílio do Projeto de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), os produtores familiares cultivam frutas e hortaliças, elevando os índices de produtividade e permitindo a expansão da prática no contexto local.

Assim, surgem os seguintes questionamentos: como a produção de orgânicos influencia na qualidade de vida dos consumidores? Quais fatores levaram os produtores a

optar pela produção de alimentos orgânicos? O que impulsiona a procura por alimentos orgânicos? Quais os pontos mais complexos na produção destes produtos?

Mediante tais discussões, este trabalho traz um levantamento da produção de orgânicos na perspectiva sustentável das comunidades rurais de Mossoró, considerando os fatores edáficos e o consumo destes produtos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Levantamento da produção de orgânicos nas comunidades rurais de Mossoró, visando identificar os principais produtos e consumidores que utilizam essa técnica, e os consumidores.

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar questões relacionadas às mudanças de hábitos na alimentação;
- Identificar os motivos que levaram os produtores a produzirem orgânicos;
- Estudar os fatores que limitam a produção e consumo no mercado de orgânicos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O que é produção orgânica

A produção orgânica é uma técnica que utiliza métodos naturais para o cultivo de alimentos e para criação de animais, gerando produtos mais saudáveis devido a não utilização de agrotóxicos.

Agricultura Orgânica consiste no processo produtivo comprometido com a organicidade e sanidade da produção de alimentos vivos para garantir a saúde dos seres humanos, razão pela qual usa e desenvolve tecnologias apropriadas à realidade local de solo, topografia, clima, água, radiações e biodiversidade própria de cada contexto, mantendo a harmonia de todos esses elementos entre si e com os seres humanos. Esse modo de produção assegura o fornecimento de alimentos orgânicos saudáveis, mais saborosos e de maior durabilidade; não utilizando agrotóxicos preserva a qualidade da água usada na irrigação e não polui o solo nem o lençol freático com substâncias químicas tóxicas; por utilizar sistema de manejo mínimo do solo assegura a estrutura e fertilidade dos solos evitando erosões e degradação, contribuindo para promover e restaurar a rica biodiversidade local; por esse conjunto de fatores a agricultura orgânica viabiliza a sustentabilidade da agricultura familiar e amplia a capacidade dos ecossistemas locais em prestar serviços ambientais a toda a comunidade do entorno, contribuindo para reduzir o aquecimento global. (Associação da Agricultura Orgânica –AAO, 2017).

Com a não utilização de agrotóxicos nos cultivos, os produtos são mais saborosos, saudáveis e trazem benefícios para quem consome e para quem produz; saúde e qualidade de vida são pontos principais, além de preservar o meio ambiente e a biodiversidade local, dentre outros.

3.2 Sustentabilidade Ambiental

Com as grandes mudanças no modo de vida e no uso dos recursos naturais, refletir sobre a preocupação com a sustentabilidade ambiental é um assunto importante e sempre atual, pois a responsabilidade em usar de forma correta o ecossistema é que pode garantir a sobrevivência das futuras gerações.

Em 1972, a ONU convocou a Conferência sobre o Ambiente e retratou o seguinte:

[...] em 1972 a ONU convocou a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia). [...] O evento foi um marco e sua Declaração final contém 19 princípios que representam um Manifesto Ambiental para nossos tempos. Ao abordar a necessidade de “inspirar e guiar os povos do mundo para a preservação e a melhoria do ambiente humano”, o Manifesto estabeleceu as bases para a nova agenda ambiental do Sistema das Nações Unidas.

Sobre o meio ambiente e a sustentabilidade ambiental o Artigo 225º da Constituição Federal define:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à saúde qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Constituição da República Federativa do Brasil. Art. 225)

Trechos da Declaração da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente, Estocolmo, 1972:

Chegamos a um ponto na História em que devemos moldar nossas ações em todo o mundo, com maior atenção para as consequências ambientais. Através da ignorância ou da indiferença podemos causar danos maciços e irreversíveis ao meio ambiente, do qual nossa vida e bem-estar dependem. Por outro lado, através do maior conhecimento e de ações mais sábias, podemos conquistar uma vida melhor para nós e para a posteridade, com um meio ambiente em sintonia com as necessidades e esperanças humanas. Defender e melhorar o meio ambiente para as atuais e futuras gerações se tornou uma meta fundamental para a humanidade.

Diante da preocupação com o ambiente é preciso apresentar conceitos capazes de mostrar a necessidade de controlar o uso e cuidado que se deve ter com o meio ambiente, pois o ecossistema não é infinito.

Segundo a Comissão Brundtland (1987), conforme citado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) “o desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que

encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades. ”

Em 1992 a ONU falou sobre o detalhamento das ações a serem tomadas para melhoria do meio ambiente.

Em 1992, a relação entre o meio ambiente e o desenvolvimento, e a necessidade imperativa para o desenvolvimento sustentável foi vista e reconhecida em todo o mundo. Na Agenda 21, os governos delinearam um programa detalhado para a ação para afastar o mundo do atual modelo insustentável de crescimento econômico, direcionando para atividades que protejam e renovem os recursos ambientais, no qual o crescimento e o desenvolvimento dependem. As áreas de ação incluem: proteger a atmosfera; combater o desmatamento, a perda de solo e a desertificação; prevenir a poluição da água e do ar; deter a destruição das populações de peixes e promover uma gestão segura dos resíduos tóxicos.

3.3 Histórico da produção orgânica

No tocante à agricultura orgânica Assis e Romeiro (2002) apontam que esta surgiu no início do século XX, antecedendo desse modo a agroecologia. Entretanto, trata-se de um conjunto de práticas que segue os “princípios ecológicos”, uma vez que não utiliza aditivos sintéticos, como agrotóxicos e fertilizantes, adotando insumos naturais para realizar a manutenção das culturas agrícolas. Nesse sentido, evidencia-se que além da redução dos impactos proporcionados aos ecossistemas, ocorre ainda significativos avanços para a qualidade de vida dos atores envolvidos com essa atividade, uma vez que não há contato com inseticidas e outros produtos danosos à saúde humana.

Diante desse contexto, o SEBRAE (2017) ressalta que um dos principais responsáveis pela disseminação dessa prática foi o pesquisador inglês Sir. Albert Howard, tendo em vista que entre os anos de 1925 e 1930, em Indore, Índia, foi realizado estudos sobre compostagem e adubação orgânica, publicando posteriormente obras sobre o assunto. No ano de 1905, Howard deu início a um trabalho na estação experimental do Instituto Indiano de Pesquisa Agrícola (PUSA), na Índia, e percebeu-se que os camponeses hindus não faziam uso de fertilizantes químicos, mas aplicavam distintos métodos para reciclar os materiais orgânicos.

Os animais empregados para tração não apresentavam doenças, levando-o a realizar experimentos utilizando animais sem doenças e sob orientação dos camponeses. Em 1919 foi declarado que existia conhecimentos de como cultivar as lavouras sem a adição de insumos químicos. Dessa forma, percebeu-se que a eliminação de doenças em animais e plantas seria o fator chave para fertilização do solo. Com o intuito de atingir esse objetivo criou-se o processo “Indore” de compostagem, desenvolvido entre 1924 e 1931, no qual os resíduos da fazenda eram transformados em húmus e, que ao ser aplicado no solo em tempo adequado, restaurava a fertilidade por um mecanismo biológico natural.

Além da compostagem Haward aprimorou alguns processos, visto que na obra *Um Testamento Agrícola* (2007), o autor fala sobre a aeração do solo, apontando que os organismos do solo (fungos, bactérias e raízes ativas) necessitam de um constante suprimento de oxigênio. Assim, a aeração apresenta-se como um fator de grande relevância para a agricultura, pois aumentaria a fertilidade dos solos.

Seguindo o contexto histórico, Ormond et al (2002) destaca que na década de 1920 surgiu na França o conceito de agricultura biológica, com base no uso de métodos naturais como a rotação de culturas, adubos naturais e práticas fitoterápicas para o tratamento de doenças em plantas. No entanto, os avanços seguiram, e, em 1924 surgia na Alemanha a agricultura biodinâmica, que considerava o elo entre as formas de matéria e de energia presentes no ambiente natural, fazendo uso apenas de insumos orgânicos produzidos nas propriedades agrícolas.

Ormond et al (2002) afirmam ainda que em 1935 surgiu no Japão a filosofia de agricultura natural, cujo objetivo era obter produtos por sistemas agrícolas que se assemelhem às condições originais do ecossistema. No ano de 1970 surge na Austrália a permacultura, que também se caracterizava como sendo um modelo de agricultura integrada ao ambiente. O mesmo autor aponta que em 1970 a Europa já comercializava produtos orgânicos, no entanto, segmento só ganhou significância nas décadas seguintes, devido à elaboração das normas e padrões de produção.

3.4 A agricultura Orgânica no Brasil

A produção orgânica no Brasil teve início de forma lenta, onde segundo Ormond et al (2002) os produtores com baixo poder aquisitivo, que não podiam adquirir as novas tecnologias agrícolas disponíveis no mercado mantinham os métodos de produção

convencional. Associado aos aspectos socioeconômicos haviam grupos que se recusavam a consumir os produtos oriundos dos novos processos produtivos, aderindo aos produtos naturais. Partindo de tal realidade, verificou-se que se tratava de uma atividade pouco significativa quando comparada com as demandas e níveis de produção alcançadas pelos monocultivos agroindustriais.

Posteriormente, devido a disseminação de preservação ecológica e da conscientização da população consumidora, a busca por produtos orgânicos passou a crescer, levando ao surgimento de muitas cooperativas e associações direcionadas à produção orgânica. Ormond et al (2002) afirma ainda que por volta de 1990 ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento, que disseminou os pontos de vendas de produtos orgânicos, contribuindo para que ao término dos anos 90, esses produtos chegassem aos supermercados brasileiros.

Analisando os aspectos da produção orgânica no cenário nacional atualmente, percebe-se que esta é uma atividade estritamente ligada aos pequenos produtores, tendo em vista a viabilidade econômica decorrente da dispensa dos insumos convencionais. Assim, em 2012 foi criada a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, que apresenta como principais diretrizes a produção, pesquisa e desenvolvimento de tecnologias, assim como acesso ao crédito por pequenos produtores e participação desses produtos nas compras oficiais como forma de incentivo à agricultura sustentável.

Frente a tal realidade, a Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica (2013), aponta que os produtos advindos desse meio de produção estão sendo inseridos no mercado nacional a partir dos mais diversos canais de distribuição. Dessa maneira, pode-se citar a atuação do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, que aplicou, entre os anos de 2009 e 2012, cerca de R\$ 32,5 milhões na aquisição de produtos orgânicos e agroecológicos por meio das modalidades operadas pela Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, com incremento médio anual das aquisições em torno de 0,4% ao ano (CÂMARA INTERMINISTERIAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA, 2013, p. 38).

Em se tratando das diferenças entre a produção orgânica e agroecológica, Abreu et al (2012) afirma que as diferenças entre os dois modelos se dão pelo fato de que a agroecologia tem como princípios o uso da mão de obra familiar, a adaptação às condições locais e volta-se as redes regionais de distribuição de alimentos. Enquanto que no modelo de produção orgânica podem ser aplicados os moldes da agricultura convencional, fazendo uso dos

mesmos mecanismos energéticos e de mecanização, abstendo-se apenas do uso de defensivos sintéticos.

Outros investimentos expressivos neste segmento advêm do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, que de acordo com a Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica (2013), adquiriu cerca de R\$ 520 milhões em produtos da agricultura familiar entre 2011 e 2012. Ressalta-se ainda que em 2012, foram adquiridos produtos orgânicos e de base agroecológica em 1.733 municípios brasileiros, correspondendo a 31% do total de registros de compra no ano. Além da aquisição dos produtos agroecológicos e orgânicos por via do setor público, notou-se também que diversas ações de incentivo à produção orgânica e de base agroecológica têm sido realizadas, como a aplicação de mais de R\$ 40 milhões no apoio a feiras e eventos de caráter promocional, beneficiando mais de 5.500 agricultores agroecológicos.

Além da importância da agricultura orgânica para a esfera socioambiental associada a ampliação da agricultura familiar, a produção de alimentos isentos de agrotóxicos e consequente redução da degradação dos recursos naturais, cita-se ainda sua possível aplicabilidade em outras esferas ainda pouco discutidas, como por exemplo, a inserção das práticas agrícolas no meio urbano.

3.5 A regulamentação da produção orgânica

Devido à expansão sofrida pela produção e demanda por produtos orgânicos, surge a necessidade de desenvolver normas e legislações que regulamentem a produção e comercialização de alimentos orgânicos. Diante disso, o Brasil possui uma legislação vigente específica para esse segmento, que é constituída pela Lei 10.831/2003, Decreto 6.623/2007, e, as Instruções Normativas do MAPA 54 e 64 de 2008, 17, 18 e 19 de 2009.

A Lei 10.831/2003, também conhecida como “Lei dos Orgânicos” dispõe sobre a agricultura orgânica, trazendo em seu escopo as definições de agricultura e produtos orgânicos, assim como as diretrizes para comercialização e fiscalização da produção. Diante disso, o Artigo 1º da respectiva Lei define:

Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural

das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente. (LEI 10.831/2003, Art.1º)

No tocante às diretrizes de comercialização, a Lei 10.831/2003, o Artigo 3º afirma que há a necessidade de certificação dos produtos por um órgão reconhecido oficialmente. No entanto, nos casos em que ocorre a comercialização direta, a certificação torna-se facultativa, mediante a rastreabilidade dos produtos, livre acesso aos ambientes de produção e comercialização, e inserção dos produtos nos programas de controle social previamente cadastrados junto ao órgão fiscalizador. Em relação à fiscalização da produção, circulação, armazenamento, comercialização e certificação, o Artigo 5º aponta a realização de convênios com órgãos seccionais, a fim de compreender as esferas federais, estaduais e locais.

Quanto ao Decreto 6.623/2007 regulamenta e complementa a Lei dos Orgânicos, estabelecendo bases não discutidas na legislação anterior, como o respeito à tradição, à cultura e aos mecanismos de trabalho tradicionais, previsto no Artigo 4º, e o acesso aos serviços básicos para garantia de segurança, salubridade, ordem e limpeza nos ambientes de trabalho, previsto no Artigo 5º.

No caso dos instrumentos normativos, estes tratam das comissões para produção orgânica, sistemas orgânicos para produção animal e vegetal, extrativismo sustentável orgânico, regulamenta o processamento, armazenamento e transporte de produtos orgânicos e definem mecanismos de controle e informação da qualidade orgânica.

3.6 A diferença entre os métodos convencionais e os métodos orgânicos

A monocultura e outros métodos agrícolas convencionais são caracterizados pelo uso extensivo do solo e da água, assim como pelo emprego de mecanização, fertilizantes e defensivos agrícolas, o que possibilita maiores índices produtivos, assim como uma consequente problemática socioambiental, que se relaciona com os danos proporcionados ao meio ambiente, à saúde humana e às desigualdades sociais. Frente a tal realidade, Mariani e

Henkes (2014) apontam que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos, alcançando o primeiro lugar no ranking em 2009, quando o consumo de agrotóxicos atingiu 1 milhão de toneladas.

Ao discutir os danos causados pelos agrotóxicos aos ecossistemas, Ribas e Matsumura (2009) afirmam que devido às características físico-químicas dos defensivos agrícolas, estes modificam a interação dos fatores bióticos e abióticos, promovendo danos imensuráveis à manutenção das cadeias naturais e determinados ciclos biogeoquímicos. Diante disso, cita-se que a maioria dos produtos comercializados atualmente, mesmo apresentando meia-vida mais curta quando comparado aos primeiros defensivos ainda são altamente danosos, comportando-se como elementos xenobióticos (elementos estranhos ao organismo), e, por consequência, desencadeando os fenômenos de biomagnificação e bioacumulação nos organismos devido as interações com os meios.

Frente a essa realidade, a Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados (2011), pontua os riscos pelo uso de agrotóxicos.

O uso de agrotóxicos representa uma série de riscos ao homem, à saúde humana, ao meio ambiente, fato que já é de conhecimento geral. Ainda quando utilizados com estrita observância a todas as regras estabelecidas para o correto manejo, seguindo as recomendações de uso feitas pelos fabricantes e corroboradas pelas autoridades brasileiras responsáveis pelo registro, os riscos são altos porque são inerentes à própria natureza química do agrotóxico. Como o nome já sugere de início, tratam-se de substâncias tóxicas (COMISSÃO DE SEGURIDADE SOCIAL E FAMÍLIA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011, p. 20).

Em se tratando dos danos à saúde humana, Ribas e Matsumura (2009) relatam que podem surgir efeitos crônicos e agudos, que variam com a forma de exposição. Também ressalta-se que os humanos são os mais afetados, em decorrência da contaminação das fontes hídricas e do consumo de alimentos contaminados, atingindo uma média mundial de 30 mil mortes por ano devido a intoxicação por defensivos agrícolas.

Segundo a Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados (2011) o meio ambiente sofre constantemente com o uso de maneira indiscriminada dos agrotóxicos. Existe uma enorme contaminação dos solos, do ar e muitos sistemas biológicos em coexistência. Algumas estimativas mostram que 25 milhões de trabalhadores são

contaminados com agrotóxicos apenas nos países em desenvolvimento. É importante ressaltar que o Brasil é o campeão mundial no consumo desses produtos. Os efeitos agudos são facilmente visíveis e relacionados à utilização dos agrotóxicos, são vistas logo após o primeiro contato do indivíduo com o produto, geralmente o trabalhador rural.

Em relação aos males causados ao homem pelo uso dos agrotóxicos, a Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados (2011), pontua o seguinte:

Dentre todas as moléstias causadas ao homem pelos agrotóxicos, a que mais chama a atenção é o câncer. Não só pela alta taxa de letalidade dessa doença, mas pela forma agressiva e devastadora com que ela atinge o organismo humano. Atualmente, a incidência dos cânceres tem aumentado em todo o mundo. As principais causas de origem do câncer são relacionadas a fatores ambientais, fatores externos ao organismo. Diversos estudos científicos produzidos ao redor do mundo indicam uma estreita associação entre a exposição aos agrotóxicos e o surgimento de diferentes tipos de tumores malignos. Em 1990 o Instituto Nacional do Câncer e o Programa Nacional de Toxicologia dos Estados Unidos avaliaram 51 substâncias utilizadas como agrotóxicos. Desse total, 24 demonstraram ter potencial carcinogênico quando em contato crônico. Em 1997, a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer classificou 26 agrotóxicos como possuidores de indícios suficientes sobre seu potencial carcinogênico em animais (COMISSÃO DE SEGURIDADE SOCIAL E FAMÍLIA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011, p. 27).

No que concerne às questões socioeconômicas associadas aos modelos de produção agrícola convencionais, de acordo com Sousa (2015) é perceptível que as desigualdades sociais frente aos meios de produção geram impactos que recaem diretamente sobre os índices de desenvolvimento do país, visto que os produtos oriundos das práticas de monocultivo são direcionados à exportação e à produção energética. Diante disso, percebe-se que determinadas minorias, como a agricultura familiar e a agricultura orgânica, que se encontra substancialmente vinculada à produção de base familiar promovem o diferencial quanto a segurança alimentar do Brasil.

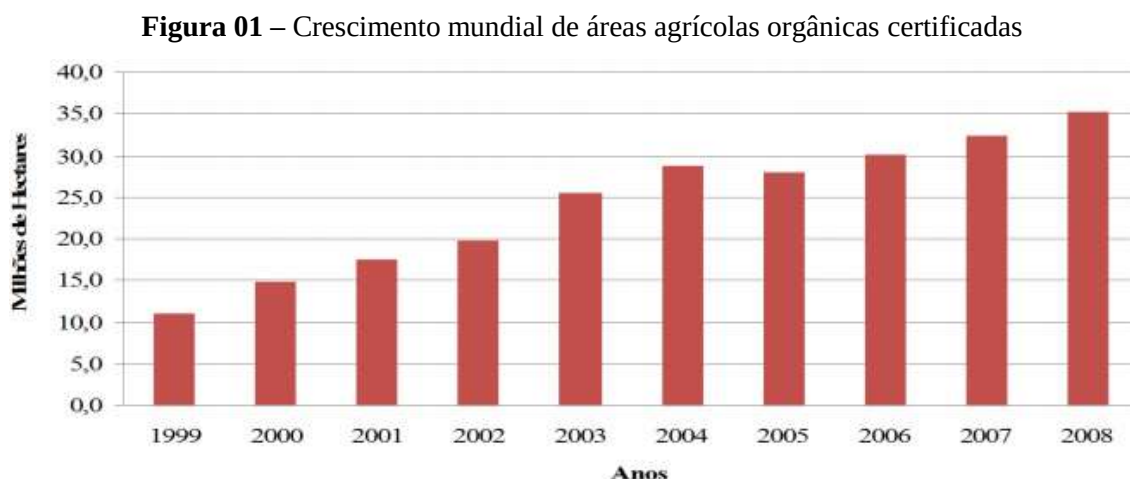
Diante de tal afirmação, Longo (2016) aponta que 70% de todos os alimentos produzidos no Brasil provêm da agricultura familiar, o que inclui a produção de carnes, legumes, cereais, frutas e hortaliças. Analisando o quantitativo de agricultores e

empreendimentos agrícolas nacionais, a agricultura familiar engloba aproximadamente 4,3 milhões dos empreendimentos brasileiros.

Ao comparar tal realidade com o contexto da agricultura orgânica, evidencia-se um contraste em relação às formas de interação das práticas com o ambiente, com o ser humano e com às questões sociais. Todos esses aspectos decorrem do respeito à cultura e aos costumes das comunidades produtoras, o uso de práticas manuais, a produção livre de agrotóxicos e de base familiar. Outro ponto a serem discutidos é a segurança alimentar, resultante da produção limpa, assim como a geração de renda para os pequenos produtores rurais e a preservação de meio ambiente, devido ao uso equilibrado dos recursos naturais.

3.7 Produção orgânica: apontamentos multiesferas

Conforme Mooz e Silva (2014) o crescimento da agricultura tem se mostrado constante no contexto global, tendo em vista a busca por alimentos mais saudáveis e a preocupação popular com as questões ambientais. Nesse sentido, o autor aponta que entre os anos de 1999 e 2008 ocorreu um crescimento aproximado de 200% no quantitativo de áreas agrícola voltadas à produção orgânica. A Figura 01 apresenta os avanços ocorridos:



Fonte: Mooz e Silva, 2014

Seguindo a discussão, Mooz e Silva (2014) analisavam a dinâmica da produção orgânica sob a óptica continental, apontando os quantitativos de áreas certificadas destinadas a esse segmento em cada região geográfica. Conforme tabela abaixo:

Tabela 01: Áreas certificadas e outras áreas orgânicas de acordo com os continentes

Região Geográfica	Áreas Certificadas (hectares)	Outras Áreas (hectares)
Oceania	12.100.000	-
Europa	8.200.000	9.600.000
América Latina	8.100.000	8.200.000
América do Norte	2.500.000	500.000
Ásia	3.300.000	4.100.000
África	900.000	9.500.000
Total	35.100.000	31.900.000

Fonte: Mooz e Silva, 2014. Adaptada.

Conforme as informações apresentadas observam-se que a região geográfica com maior área certificada para produção orgânica é a Oceania, que representa aproximadamente 34,47% de toda a área orgânica certificada, seguida da Europa, com 23,36% e América Latina com 23,08%. Ao analisar os valores globais quanto às áreas certificadas e não certificadas, percebe-se que apesar do valor de áreas certificadas ser mais elevado, a diferença não é tão expressiva, chegando à 4,78%, uma vez que as áreas certificadas correspondem a 52,39% do total e as demais áreas contemplam 47,61%.

Ao discutir a produção orgânica dos principais países dos continentes citados, Barbosa (2016) apresentou os quantitativos das áreas produtoras, além da representatividade diante da área agrícola total. A Tabela 02 traz essas informações:

Tabela 02: Informações sobre os principais países frente à agricultura orgânica

País	Área de Produção Orgânica (hectares)	Fatia do Total de Terra Agrícola	Quantidade de Produtores
Austrália	12 milhões	2,93%	2.129
Argentina	3,6 milhões	2,59%	1.446
Estados Unidos	2,1 milhões	0,64%	112.880
China	1,9 milhão	0,36%	-
Espanha	1,6 milhão	6,40%	30.462
Itália	1,1 milhão	9,12%	48.858
Alemanha	1 milhão	6,19%	23.032
França	1 milhão	3,76%	24.425
Canadá	833 mil	1,23%	3.590
Brasil	705 mil	0,27%	12.526

Fonte: Barbosa, 2016. Adaptada.

Como sugere a Tabela 02, em termos de áreas orgânicas, a Austrália apresentou o maior quantitativo, representando aproximadamente 46,44% do somatório das áreas correspondentes aos 10 países apontados. Diante de tal realidade, verificou-se que no cenário nacional a área destinada à produção de orgânicos é pouco representativa quando comparada às técnicas de produção convencionais, tendo em vista que corresponde a 0,27% da área agrícola total. Ao analisar a quantidade de produtores, verificou-se que os Estados Unidos possuíam o maior quantitativo, seguido da Itália e Espanha, respectivamente. Já o Brasil ocupa a sétima posição.

Considerando a área orgânica certificada em 2008, apresentada por Mooz e Silva (2014) e o somatório das áreas dos 10 maiores produtores mundiais, percebeu-se que em termos de porcentagem estes países correspondiam a aproximadamente 69,23% da área orgânica certificada mundialmente, indicando que os 183 países são de fato irrisórios diante do contexto da produção de orgânicos.

Segundo os dados da Coordenação de Agroecologia (COAGRE, 2016) e da Secretária de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), conforme citado pela Secretária do Desenvolvimento Agrário (SDA, 2017) a área de produção orgânica no país pode ultrapassar os 750 mil hectares registrados em 2016. Assim, esse crescimento poderá ser impulsionado, sobretudo, pela agricultura familiar.

Conforme o *Organics Brazil Monitor* aponta que as taxas de crescimento registradas globalmente nos últimos cinco anos são bem maiores quando comparados aos períodos anteriores, atingindo médias entre cinco e 11%, ou seja, o mercado é crescente, embora, o país ainda represente menos de 1% da produção e do consumo mundial.

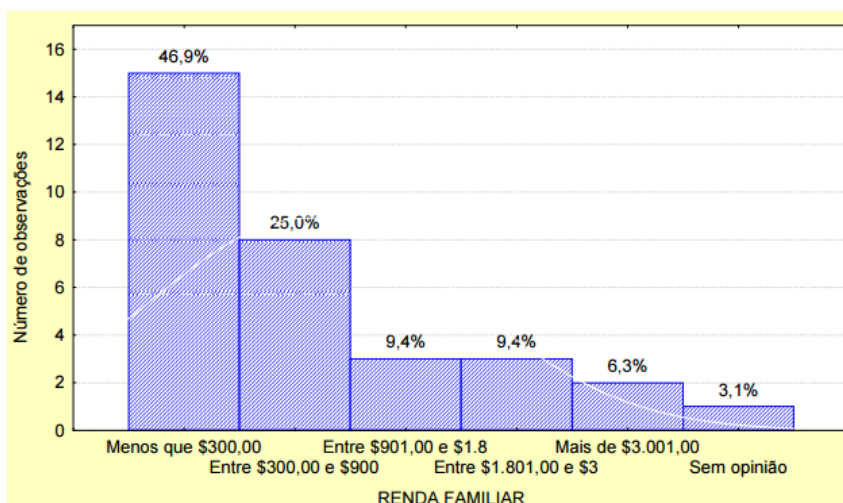
De acordo com a COAGRE (2016), conforme citado pela Secretária do Desenvolvimento Agrário (SDA, 2017) as principais regiões produtoras de alimentos orgânicos são o Sudeste que ocupa a primeira posição com um total de 333 mil hectares e 2.729 registros de produtores no Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO), seguida do Norte com 158 mil hectares e, em terceiro lugar, a região Nordeste com 118,4 mil hectares. Ressalta-se ainda que dos produtores cadastrados no CNPO, 75% são agricultores familiares.

3.8 Considerações sobre a Agricultura Orgânica no Estado do Rio Grande do Norte

Conforme Tacconi Neto (2006) a agricultura orgânica no Estado do Rio Grande do Norte apresenta características estritamente familiares, e ganha importância diante do comércio local, tendo em vista a comercialização dos produtos nos mais diversos âmbitos. Além disso, o autor afirma ainda que, a produção de hortaliças é a que mais se destaca havendo incentivo e políticas públicas aos pequenos produtores mediante o acompanhamento da Emater, e assim garantir a segurança alimentar, inclusão social e transferência de tecnologias auto-sustentáveis.

Ao analisar o perfil socioeconômico dos agricultores orgânicos potiguares, Tacconi Neto (2006) constatou que a baixa renda familiar se destacava como sendo um dos principais desafios a serem enfrentados, tendo em vista que aproximadamente 46,9% dos agricultores do estudo apresentavam renda familiar inferior a R\$ 300,00 mensais. Na Figura 02 pode-se observar a caracterização socioeconômica da agricultura orgânica do Estado do Rio Grande do Norte.

Figura 02: Renda familiar dos produtores orgânicos, no Estado do Rio Grande do Norte



Fonte: Tacconi Neto, 2006.

Em relação às propriedades onde as atividades são desenvolvidas, percebeu-se que 62,5% dos agricultores desempenhavam suas atividades em áreas próprias ou de familiares, enquanto 37,5% produzem em terras de outras pessoas. Essa afirmativa aponta que uma parcela significativa dos produtores orgânicos do estado trabalha sob sistemas de arrendamento, o que associado aos baixos quantitativos de áreas destinadas a produção orgânica, pode minimizar a lucratividade e a renda familiar. Tacconi Neto (2006) pontua que

65,6% dos produtores que compuseram o estudo ocupam uma área de até 1 hectare, e 28,1% utilizavam áreas que variavam de 1 a 2 hectares onde somente 6,2% da amostra ocupou áreas superiores aos 2 hectares, não ultrapassando 11 hectares.

Em relação aos produtos orgânicos cultivados, o autor afirma que 62,5% dos produtores cultivavam entre 1 e 10 produtos diferentes, enquanto que 28,1% produziam uma variedade entre 10 e 20 produtos, já 6,3% apresentou uma variedade entre 20 e 30 produtos, e, apenas 3,1% possuíam uma produção superior a 70 produtos variados. Comparando as informações de produção com os dados referentes à renda familiar, percebeu-se que pode haver uma relação direta entre os quantitativos produzidos e a renda, uma vez que os percentuais foram muito semelhantes.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia adotada foi baseada na pesquisa qualitativa e quantitativa, tendo ainda observado os dados em campo através de visitas “*in loco*”, visando atender os principais objetivos deste estudo. O recorte espacial teve como objeto de análise duas comunidades rurais de Mossoró-RN. A fundamentação teórica foi embasada através de levantamentos bibliográficos em livros, artigos e sites.

O levantamento dos dados foi realizado pela aplicação de questionários tanto aos produtores quanto aos consumidores, na perspectiva de se obter informações de pequenos e grandes produtores de orgânicos, bem como seus consumidores e os principais fatores que limitam a produção.

As visitas a campo foram realizadas em duas comunidades rurais, quais sejam, Projeto de Assentamento (PA) Favela e Agrovila Paulo Freire pertencente ao PA Maisa que cultivam os orgânicos, bem como as feiras onde os produtos eram comercializados.

Tendo em vista o cultivo de orgânicos na zona rural do município de Mossoró/RN ter expressividade, as feiras são abastecidas pelos produtores/vendedores que fazem parte da Associação de Produtores e Produtoras da Feira Agroecológica de Mossoró (APROFAM) que comercializam em três locais distintos, sendo o primeiro e mais antigo a que ocorre aos sábados ao lado do Museu Municipal Lauro da Escóssia, das 5h às 9h da manhã com quase 10 anos de existência. O segundo localizado dentro do campus da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), às terças-feiras no horário das 7h às 11h, essa feira tem pouco mais de um ano. Por fim, a mais recente ocorre às quintas-feiras no Shopping Popular de Mossoró, no horário das 8h às 12:00h.

Para a aplicação dos questionários foram escolhidas duas feiras, as quais foram selecionadas em consulta a Associação de Produtores e Agricultores da Feira Agroecológica de Mossoró (APROFAM). Na primeira, localizada em ao lado do Museu Municipal Lauro da Escóssia, aplicou-se 34 questionários, 23 aos consumidores e 11 aos produtores/vendedores. Enquanto, na segunda feira, localizada dentro do campus da UERN o número de questionários foram 29.

Os questionários foram elaborados a nível de vendedor/produtor e consumidor, onde abordou-se as seguintes questões: o local de produção, fatores que impulsionaram os produtores a escolher orgânicos, bem como os benefícios que esse tipo de produção proporcionava a saúde humana e do ambiente. Para os consumidores, a investigação se deu

basicamente tomando os mesmos princípios que os produtores, além de questões relacionadas à frequência da aquisição desses produtos na feira.

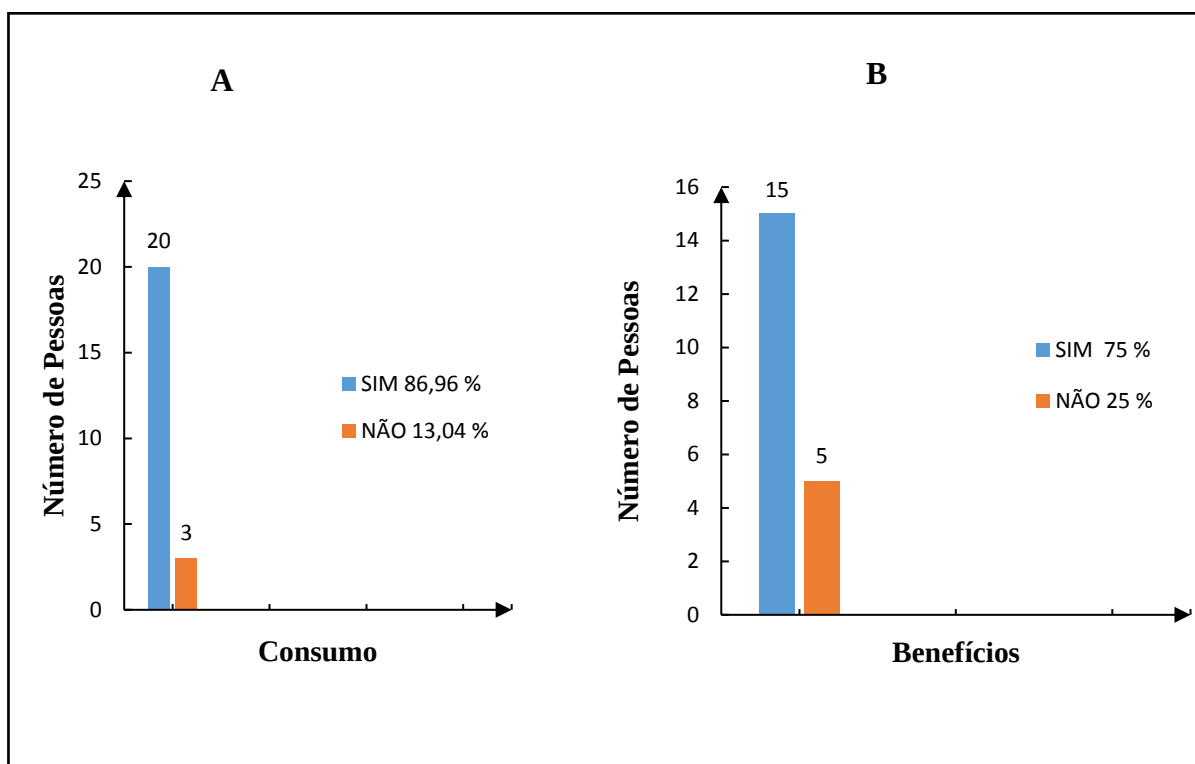
Os questionários foram direcionados aos consumidores e aos vendedores que por sua vez eram todos produtores que comercializam seus produtos nas feirinhas de Mossoró.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos nas análises realizadas no campo da pesquisa tiveram como suporte as Feiras Livres da Cidade de Mossoró, nas quais os produtores rurais de orgânicos comercializam diversos produtos cultivados na agricultura familiar.

De acordo com os resultados obtidos através dos questionários aplicados, pode-se constatar que na primeira feira avaliou-se o consumo de orgânicos onde 86,96 % dos entrevistados consomem produtos orgânicos, conforme a figura 3A.

Figura 03: Consumo e benefícios dos produtos orgânicos



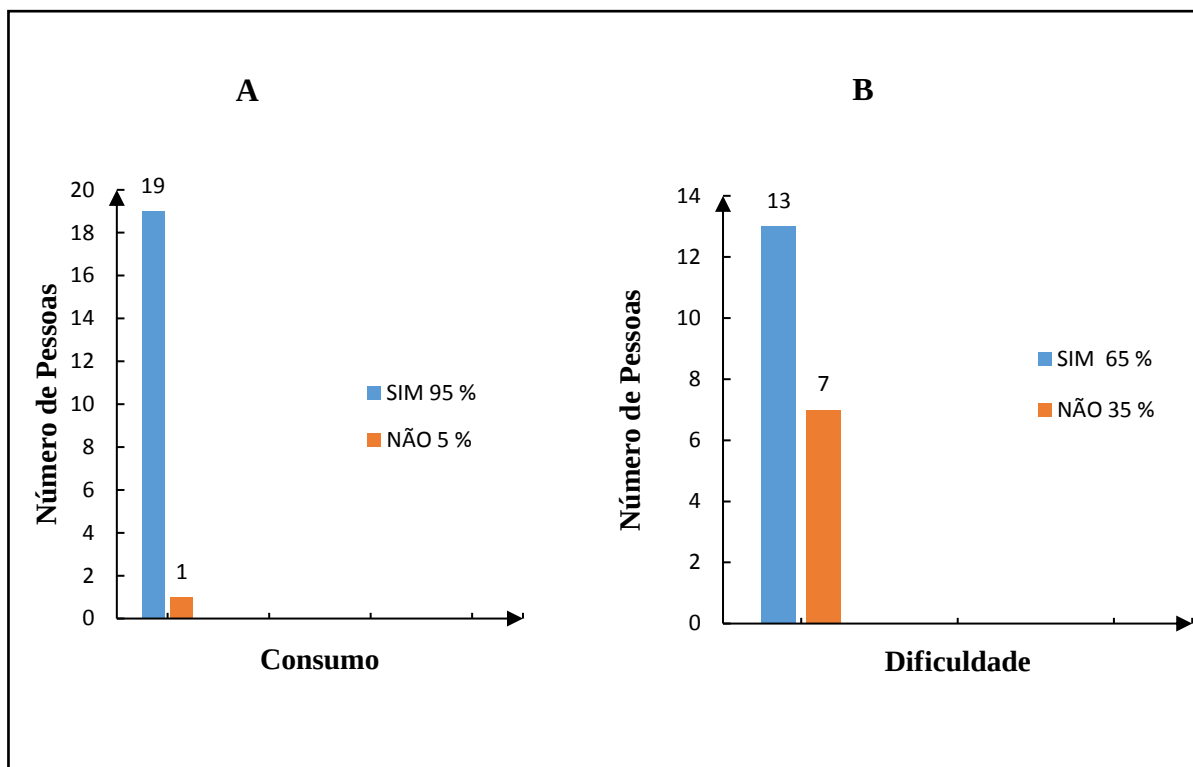
Fonte: BARROS, 2017

Pode-se observar também na figura 3A, que apenas três pessoas, ou seja, 13,04% não consomem orgânicos e duas pessoas das três estavam lá apenas a passeio e a terceira foi só observar por curiosidade. As três pessoas que não consumiam, duas relataram que compravam tudo no supermercado quando fazem a feira, já a terceira pessoa retratou que é pelo fato de os orgânicos serem mais difíceis de encontrar e por isso acaba comprando tudo em supermercados.

Das 20 pessoas que consomem orgânicos, a sua maioria sabia de algum benefício dos produtos orgânicos. A figura 3B relata esse percentual. É nítido que a maioria dos consumidores sabem os benefícios que trazem os orgânicos, nos 75% que sabem as respostas em sua maioria eram sobre a saúde, que por serem livre de agrotóxicos proporciona uma qualidade de vida melhor, por ser mais saudável. Um desses inclusive comentou que estava comprando porque teria sido receitado por seu médico. Citou-se também a prevenção de doenças, benefícios sociais, e benefícios para o produtor, pois ao mesmo tempo que compram visando saúde isto fomenta o comércio e a renda dos produtores.

Sobre os orgânicos mais adquiridos, foi visto que os consumidores compram diversos produtos na feira, desde legumes, verduras, frutas, doces, polpa de frutas, mudas de plantas e subprodutos como mel de abelha. Os mais consumidos são: romã, mamão, melancia, acerola, limão, polém, mel, rúcula, macaxeira, couve, maxixe, cheiro verde, pimentão, espinafre, manjerição, coentro, cebolinha, alface, cebola, tomate, cenoura, batata doce, peixe, carneiro, galinha e frango caipira, ovos, feijão, doces e castanha de caju.

Apesar da maioria dos consumidores estarem cientes da qualidade de vida que proporcionam os orgânicos e do mal que fazem os produtos com agrotóxicos, a maioria consome os dois. Provavelmente porque não se tem todos os produtos orgânicos disponíveis no mercado. Como pode-se verificar na figura 4A, o percentual de pessoas que consome os produtos não orgânicos é quase que 100%.

Figura 04: Consumo de produtos não orgânicos e dificuldade para encontrar os orgânicos

Fonte: BARROS, 2017

É possível observar na figura 4A que 20 pessoas que consomem orgânicos, 19, ou seja, 95% disseram consumir também os produtos que não são orgânicos, os consumidores retrataram inclusive que devido à falta de alguns produtos na feirinha findam passando no supermercado para concluir a feira de frutas, verduras e legumes. E apenas um consumidor, ou seja, um percentual de 5%, retratou que só consome orgânicos.

A dificuldade para encontrar produtos orgânicos no dia a dia é bem retratada pelos consumidores. No geral, a maioria disse ter dificuldades para encontrar produtos orgânicos, como mostra a figura 4B. Dos entrevistados 35% disseram não ter dificuldades para encontrar produtos orgânicos, e 13 pessoas, ou seja, 65% disseram ter dificuldades.

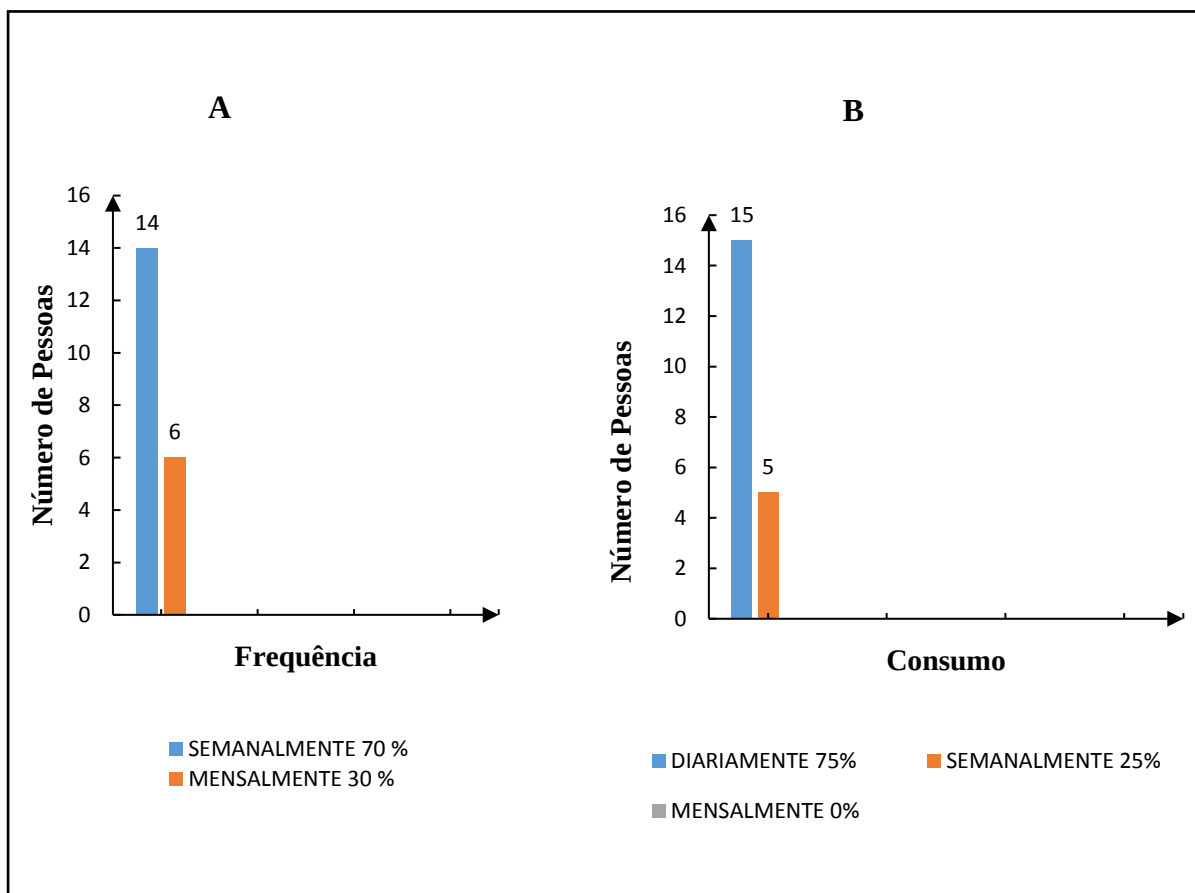
Os consumidores entrevistados afirmaram ter confiança na veracidade dos produtos vendidos serem realmente orgânicos e o consumo só não é 100% por causa da pouca diversidade de produtos comercializados na feira.

A pesquisa realizada com consumidores de supermercados na Cidade de Natal/RN revelou um elevado nível de desconfiança por parte dos consumidores, onde 79,6% dos entrevistados “desconfiam”, “desconfiam

plenamente” ou não sabe se confiam ou não na veracidade dos produtos orgânicos ofertados, enquanto 1% “confia plenamente” na veracidade desses alimentos. Esses resultados indicam que a confiabilidade pode ser considerada um entrave para competitividade dos alimentos orgânicos (TACCONI, 2006).

Com relação a frequência em que buscam a feira, pode-se observar no gráfico 5A que a maioria vai semanalmente, todos sábados, e outros mensalmente.

Figura 05: Frequência que vão a ferinha e a frequência de consumo dos orgânicos



Fonte: BARROS, 2017

É possível observar na figura 5A que dos 20 consumidores, 14 vão a feira toda semana, e a minoria de 6 pessoas vão mensalmente. Obtendo um percentual de 70 e 30% respectivamente.

Por fim, procurou-se saber a frequência a qual consumiam orgânicos. Foi perceptível que os consumidores que vão a feira toda semana consomem orgânicos diariamente, já a maioria que vai todo mês tem um consumo de alguns dias na semana. Percebe-se na figura 5B

que o consumo maior é diário, 15 pessoas, ou seja, 75% deles consomem todos os dias os produtos orgânicos e observou-se também que todos aqueles que compram semanalmente consomem diariamente, porém, existiu o caso de um consumidor que vai a feirinha uma vez no mês, mas, que consome todos os dias, pois este vai as feirinhas da terça que fica dentro da UERN e a que acontece no shopping popular. Já em dias alternados da semana, são apenas cinco pessoas, ou seja, 25% dos 20 consumidores. E nenhum dos entrevistados disseram consumir mensalmente.

No mesmo local, foram entrevistados 11 vendedores presentes. A primeira pergunta era se além de vendedor era produtor, e com um êxito de 100% todos eles eram os próprios produtores e sempre produziam em família nos locais onde moram, ou seja, o local do cultivo é de propriedade da família produtora. São várias as zonas rurais de Mossoró – RN onde são produzidos, como exemplo; uma família produz no sítio Ducarmo, outras três famílias no sítio Melancias, outra no assentamento Favela, outra família no assentamento Jurema, uma família no assentamento Boa fé – BR 304, outra família produz no sítio Alagoinha e por fim, três outras famílias na agrovila Paulo Freire, mais conhecido como Apodi, no assentamento Maisa.

Diferente dos produtores rurais de Mossoró que produzem orgânicos em sua propriedade, existem produtores em Natal que um local específico para cultivar.

Conforme os dados coletados na pesquisa, verifica-se que a maior parte das propriedades (62,5% dos entrevistados) pertence a um único proprietário ou a família, enquanto 37,5% das propriedades não são próprias, ou seja, os produtores trabalham no sistema de arrendamento, utilizam a propriedade da Prefeitura Municipal participando do Programa Compra Direta ou utilizam a propriedade do Centro de Treinamento da EMATER/RN, onde são capacitados em produção orgânica (TACCONI, 2006, p. 45).

O motivo que impulsionou 4 dos 11 vendedores foi um curso oferecido pelo SEBRAE que ensinou como produzir. Outros quatro falaram que a qualidade dos produtos foi o principal motivo. Um deles herdou dos pais, começou a plantar desde criança juntamente com o pai. Um outro vendedor começou porque um amigo desistiu de vender e produzir e ofereceu o projeto e tem quase dois anos e vem dando tudo certo. E por fim, o presidente da associação que também é vendedor e produtor, falou que o comércio justo e solidário, a forma de produção fez com que se tornasse produtor e vendedor de produtos orgânicos. Todos os vendedores/produtores consomem orgânicos.

Todos os vendedores falaram que existe dificuldade para produzir, o motivo maior é na hora da produção pois o combate as pragas, a falta de água, a falta de crédito e a certificação podem ter muitos prejuízos.

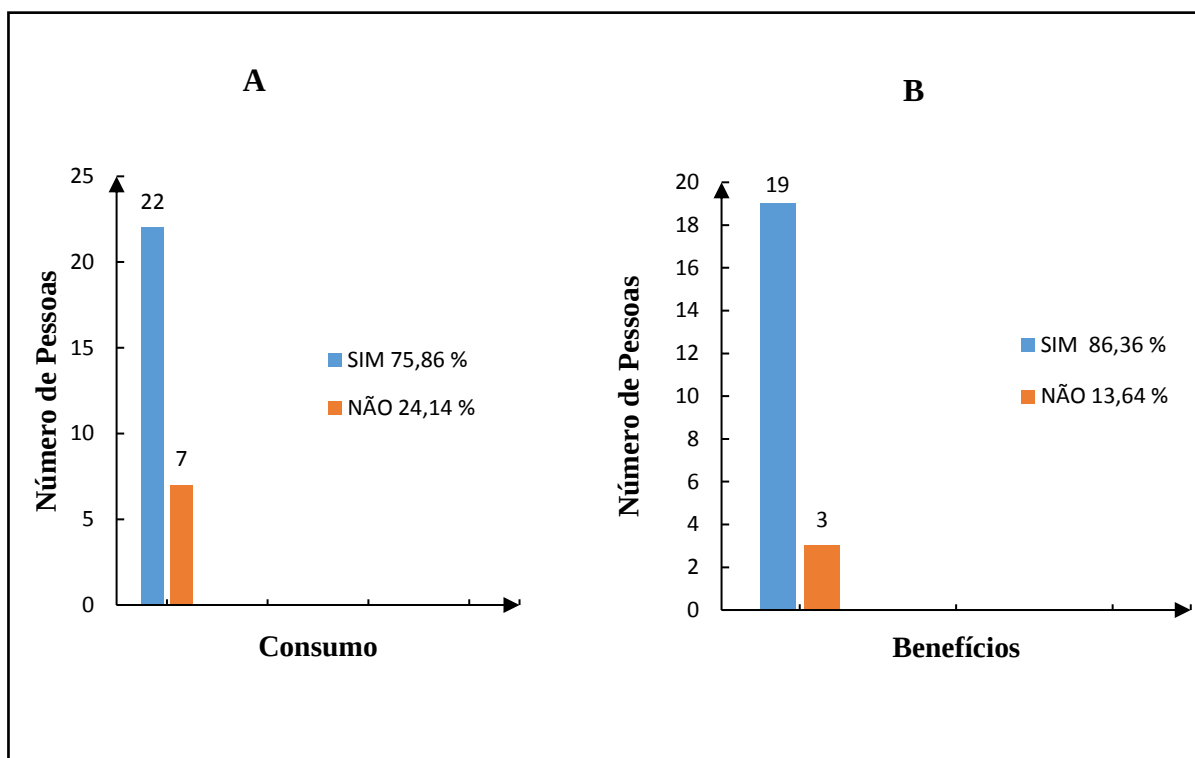
Em palavras de um vendedor, ele disse que:

Uma coisa é certa, você nunca acabará com as pragas, primeiramente se precisa trabalhar o solo, deixa-lo equilibrado, após plantar é necessário combater as pragas e existem meios que controlamos e que aprendemos com uma apostila doada pelo SEBRAE que nos ensinam as técnicas e como controlar as pragas com produtos naturais, da própria natureza, como por exemplo: plantas de nim, extrato de nim, pó de nim, calda nutritiva para nutrir a planta e resistir a doença é uma das técnicas mais importantes. Existe também o extrato de pimenta, a babosa, urina de vaca, entre tantos outros.

Outro fator que se torna um ponto complicado para os pequenos agricultores é o selo de qualidade que os produtos precisam ter para serem comercializados. Um vendedor explicou resumidamente como seria a certificação, seus tipos, citou três deles:

Selo para venda direta ao consumidor, OCS – Organização de Controle Social. Inclusive é único que temos aqui na feirinha. Existe o selo participativo – OPAC, quanto mais produtor de uma associação entrar mais barato ficará para cada produtor, é uma espécie de consultoria, ou seja, a empresa irá ver se está nos parâmetros corretos e se tiver terá o selo que dará direito a vender em todos os locais, inclusive supermercados. O selo por auditoria é o selo mais caro, é uma empresa que vai no seu local de produção e se encaixar nos parâmetros recebe o selo.

O mesmo questionário foi aplicado em outra feirinha, porém, os vendedores eram os mesmos que foram entrevistados na primeira feirinha. Dessa vez foram entrevistados 29 consumidores. É visível que a maioria dos respondentes são consumidores de orgânicos, e um pequeno percentual que não consome. A figura 6A detalha esse percentual.

Figura 06: Consumo de orgânicos e benefícios dos produtos

Fonte: BARROS, 2017

Considerando o universo da pesquisa, na figura 6A, observa-se que 75,86 % disseram que consomem orgânicos e apenas 24,14 % não consomem e inclusive disseram que a feira de frutas, verduras é feito pela mãe e outros pela esposa e que elas preferem comprar junto com a feira de gêneros alimentícios no supermercado.

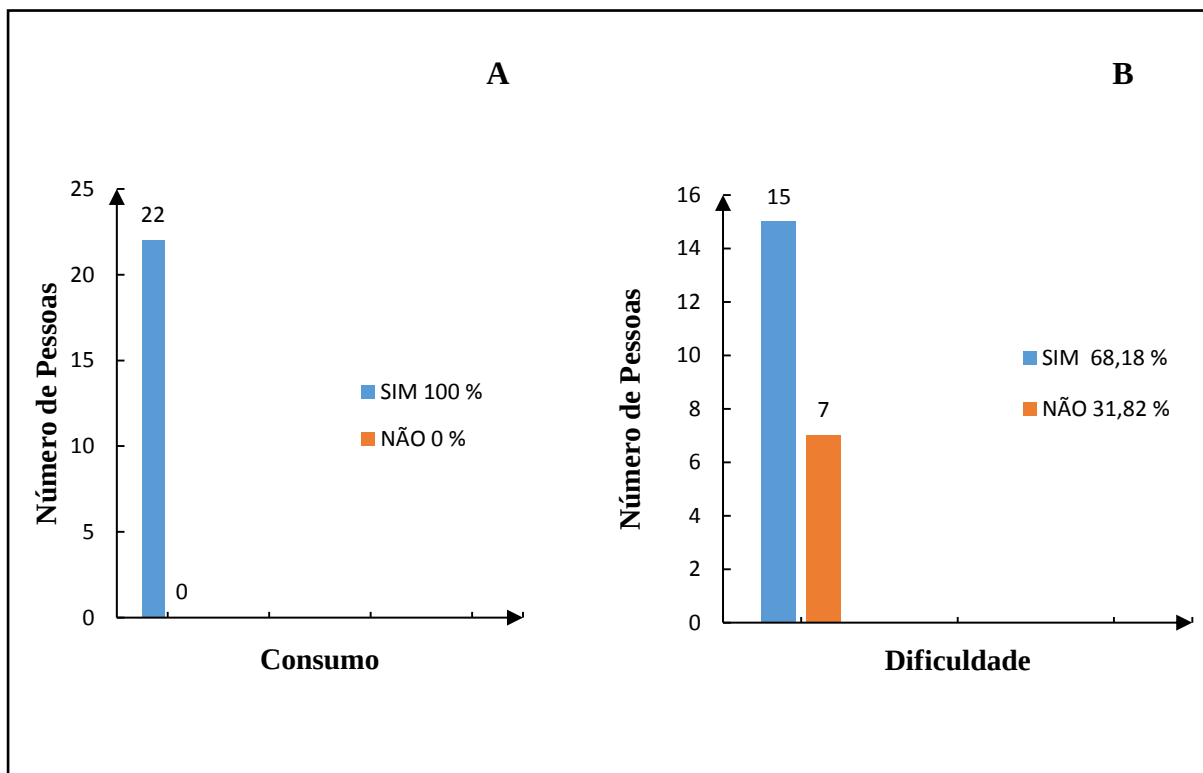
Na figura 6B é perceptível que a grande maioria dos consumidores sabem sobre algum benefício dos orgânicos, conforme o gráfico acima, dos 19 respondentes, ou seja, 86,36% sabiam algum benefício e apenas 13,64 % não sabiam.

É imensa a variedade de produtos mais consumidos citados pelos 22 respondentes, desde frutas, a verduras, entre outros. Pode-se citar: alface, rúcula, couve, coentro, espinafre, tomate, cheiro verde, pimentão, cebola, quiabo, cebolinha, maxixe, abobrinha, batata doce, jerimum, feijão verde, castanha, mel, doce de goiaba, folhas de chá, galinha caipira, limão, laranja, cajarana, acerola, cereja, melancia, mamão, romã, berinjela.

Muitas pessoas sabiam, sobre, de alguns dos benefícios que trazem os orgânicos; uma pequena minoria não sabia, e comprava apenas pelo fato de a feirinha estar próxima ao seu local de trabalho.

Os consumidores num percentual de 100 % consumiam também os produtos não orgânicos, e a sua maioria retratou que devido à falta de diversidade dos produtos vendidos na ferinha, findavam comprando os não orgânicos em supermercado. A seguir, a figura 7A retrata esse percentual.

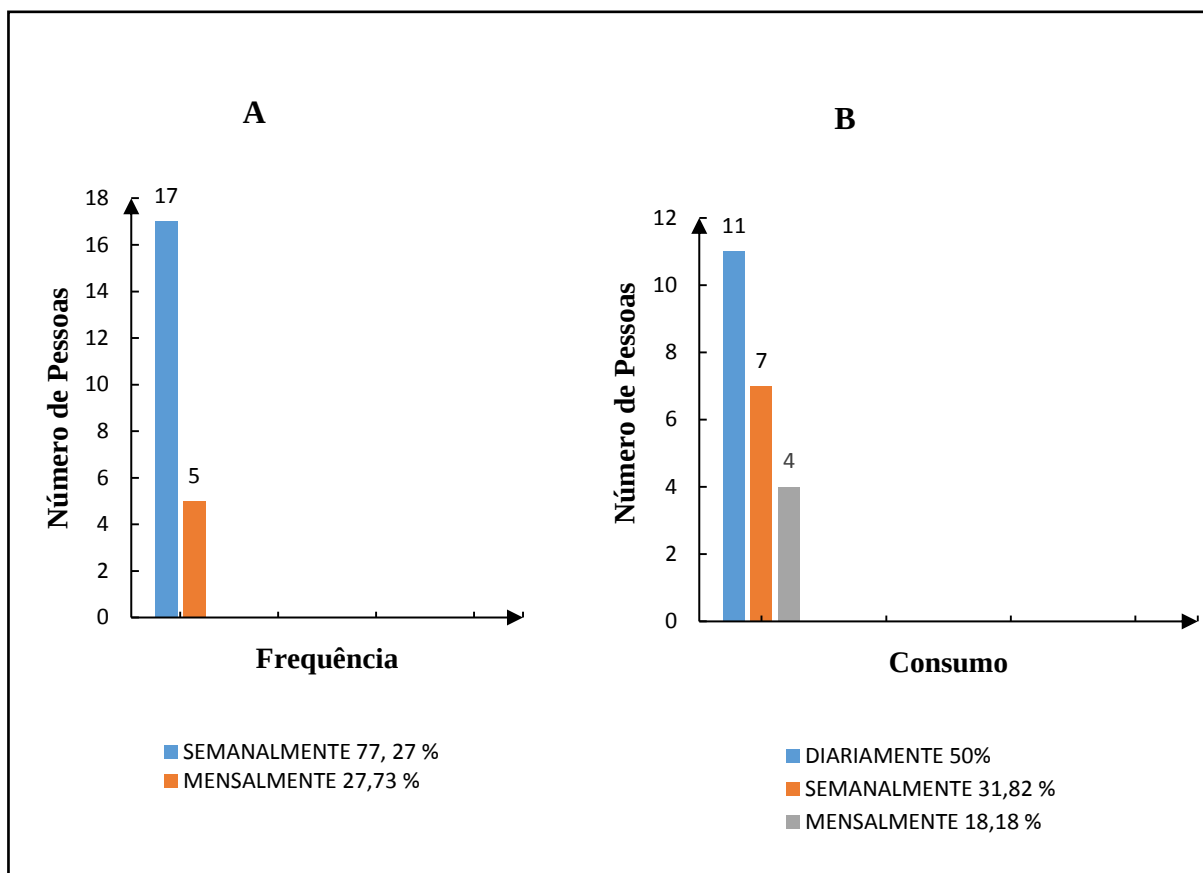
Figura 07: Consumo de produtos não orgânicos e a dificuldade para encontrar os orgânicos



Fonte: BARROS, 2017

Como mostra a figura 7A, os consumidores num total de 100 % consomem também produtos não orgânicos.

E ainda existe dificuldade para encontrar orgânicos, não tem muita diversidade dos produtos, os locais de venda são poucos e em poucos dias como visto na figura 7B. Apesar dessa dificuldade eles tentam consumir mais orgânicos. Dos 68,18 % disseram ter dificuldade para encontrar os produtos e 31,82 % responderam não ter dificuldades, uns inclusive comentaram que toda terça estão lá comprando pois trabalham na UERN e fica bem mais fácil para comprar. Alguns vão a ferinha apenas na terça feira, outros procuram o roteiro dos vendedores para ir comprar nos dias de comercialização dos produtos.

Figura 08: Frequência em que vão a feira e a frequência do consumo

Fonte: BARROS, 2017

Pode-se perceber na figura 8A que 77,27 % costumam ir a ferinha semanalmente, ou seja, um público bem fiel, já os 22,73 % restantes, costumam ir mensalmente. Alguns inclusive retrataram a questão financeira e por isso não iam com mais frequência a ferinha.

A frequência do consumo de orgânicos é bastante variado, como observado na figura 8B, metade dos respondentes consomem diariamente, existem aqueles que vão semanalmente e outros mensalmente. Pode-se observar que 50 % consomem diariamente, 31,82 %, ou seja, 7 pessoas consomem semanalmente e 18,18 % tem um consumo mensalmente.

7 CONCLUSÕES

Foi possível observar que o consumo de orgânicos vem crescendo em ritmo acelerado, nas feiras de orgânicos em Mossoró. Pode-se concluir que:

- Os produtores praticam a agricultura familiar.
- Os próprios produtores realizam a comercialização de orgânicos.
- O suporte oferecido pelo SEBRAE despertou neles o desejo de cultivar orgânicos.
- 84,13% dos entrevistados são consumidores de orgânicos e 15,87% não são consumidores.
- 80,95% dos consumidores sabiam de alguns benefícios dos orgânicos e 19,05% não sabiam.
- 73,80% frequentam a feira semanalmente.
- 62% consome diariamente os produtos.
- Os produtos mais procurados são hortaliças, frutas e verduras.
- 97,64% deles disseram consumir também os produtos cultivados pelo método convencional devido à ampla diversidade. E 66,7% disseram ter dificuldades para comprar orgânicos pelo fato de não ser comercializado todos os dias.

Os orgânicos vêm ganhando mais espaço e importância nesse mercado, os consumidores estão buscando nos orgânicos saúde e qualidade de vida. Alguns deles passaram a consumir devido orientações dos médicos. Apesar da grande expansão da comercialização de orgânicos, a certificação é um fator de dificuldade para os produtores devido o preço para obtenção dos selos.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. S. et al. Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 26, p.143-160, dez. 2012. Disponível em:

<<http://revistas.ufpr.br/made/article/view/26865/19676>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

ALEXANDRE, S. F. Exposição a agrotóxicos e fertilizantes químicos: agravos à saúde dos trabalhadores no agronegócio do abacaxi, em Limoeiro do Norte-CE. In: FORTALEZA. **Saúde pública**. Portal educacional da universidade federal do Ceará. WSETE, [2009]. p. 34. [Artigos, Teses, Dissertações. Disponível em:<<http://www.saudepublica.ufc.br/imagens/uploads/dissertacoes/172def51d4ce042df50c8bfd178f2ba6.pdf>>. Acesso em 09 de fev. 2017.

ASSIS, R. L.; ROMEIRO, A. R. Agro-ecology and organic agriculture: controversies and tendencies. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, v. 12, n. 6, p.67-80, dez. 2002.

Associação de Agricultura Orgânica - AAO. **Agricultura Orgânica**. Disponível em:<<http://aao.org.br/aao/agricultura-organica.php>>. Acesso em: 03 de fev. 2017.

BARBOSA, V. **Os 10 países com mais terra dedicada à agricultura orgânica**. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/os-10-paises-artilheiros-em-agricultura-organica/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BRAGA, B.; HESPANHOL, I.; CONEJO, J. G. L.; MIERZWA, J. C.; BARROS, M. T. L.; SPENCER, M.; PORTO, M.; NUCCI, N.; JULIANO, N.; EIGER, S. **Introdução à engenharia ambiental: o desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2º ed. 2005. cap. 6. p. 48.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pesca e Abastecimento. **Coordenação de Agroecologia: resumo de suas atribuições e iniciativas**. 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/agricultura-organica/coordenacao-de-agroecologia-mapa-26.pdf>>. Acesso: 14 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Orgânicos**. 2014. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos>>. Acesso em: 29. Mar. 2017.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Sustentabilidade ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano**. Brasília: Ipea, 2010. 640 f. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro07_sustentabilidadeambienta.pdf>. Acesso em: 29. Mar. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. **Decreto 6.623 de 27 de dezembro de 2007**.

BRASIL. **Instrução Normativa 54 de 22 de outubro de 2008**.

BRASIL. **Instrução Normativa 64 de 18 de dezembro de 2008.**

BRASIL. **Instrução Normativa 17 de 28 de maio de 2009.**

BRASIL. **Instrução Normativa 18 de 28 de maio de 2009.**

BRASIL. **Instrução Normativa 19 de 28 de maio de 2009.**

BRASIL. **Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003.**

BRASÍLIA. Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.** Brasília: Mds, 2013. 96 p. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_19/BrasilAgroecologico_Baixa_r.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2017.

BRASÍLIA. Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados. **Subcomissão Especial sobre o Uso de Agrotóxicos e suas Consequências à Saúde.** Brasília, 2011. 192 p. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/conheca-a-comissao/copy_of_subcomissoes> Acesso em 19 mai. 2017.

CALIJURI, M. C.; CUNHA D. G. F. **Engenharia Ambiental:** conceitos, tecnologia e gestão. Rio de Janeiro: Elsevier. 5ª ed. 2013. cap. 14. p. 323.

Cultivando. **Alimentação e saúde: alimentos orgânicos.** Disponível em: <http://www.cultivando.com.br/alimentacao_e_saude_alimentos_organicos_artigo.html>. Acesso em: 05 de fev. 2017.

HOWARD, S. A. **Um Testamento Agrícola.** Tradução Prof. Eli Lino de Jesus. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LONGO, R. **OS DESAFIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR.** 2016. Disponível em: <<http://jornal.puc-campinas.edu.br/os-desafios-da-agricultura-familiar/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

MARIANI, C. M.; HENKES, J. A. AGRICULTURA ORGÂNICA X AGRICULTURA CONVENCIONAL SOLUÇÕES PARA MINIMIZAR O USO DE INSUMOS INDUSTRIALIZADOS. **Revista de Gestão e Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p.315-338, mar. 2014.

MENDES, A. **A história de um ícone do campo.** 2011. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-historia-de-um-icone-do-campo/176709>. Acesso em 01 de mai. 2017.

MOOZ, E. D.; SILVA, M. V. Cenário mundial e nacional da produção de alimentos orgânicos. **Nutrire**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.99-112, 2014. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.4322/nutrire.2014.009>. Disponível em: <http://sban.cloudpainel.com.br/files/revistas_publicacoes/415.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

Organicsnet. **Dez países com mais áreas de produção.** 2016. Disponível em: <<http://www.organicsnet.com.br/2014/08/os-10-paises-com-mais-areas-de-producao-organica/>>. Acesso em: 05 de fev. 2017.

Organicsnet. **Mercado de orgânicos cresce o dobro no Brasil.** 2016. Disponível em: <<http://www.organicsnet.com.br/2016/01/mercado-de-organicos-cresce-o-dobro-no-brasil/>>. Acesso em: 05 de fev. 2017.

Organização das Nações Unidas - ONU. **A ONU e o meio ambiente.** 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em 01 de mai. 2017.

ORMOND, J. G. P. Bndes. **Agricultura orgânica:** quando o passado é futuro. 2002. Disponível em: <[https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2479/1/BS15Agricultura orgância_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2479/1/BS15Agricultura%20org%C3%A2ncia_P.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2017.

PERRONI, C. **Alimentos orgânicos:** os benefícios de uma alimentação saudável. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/nutricao/noticia/2013/01/alimentos-organicos-os-beneficios-de-uma-alimentacao-saudavel.html>>. Acesso em 09 de fev. 2017.

RIBAS, Priscila Pauly; MATSUMURA, A. T. S. A química dos agrotóxicos: impacto sobre a saúde e meio ambiente. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 10, n. 14, p.149-158, dez. 2009. Disponível em: <<http://revista.liberato.com.br/ojs-2/index.php/revista/article/viewFile/142/132>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

ROEL, Antonia Railda. A agricultura orgânica ou ecológica e a sustentabilidade da agricultura. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, [s.l.], v. 3, n. 4, p.57-62, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/578/616>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SANTOS, J. O. dos et al. A EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA ORGÂNICA. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**, Pombal, v. 6, n. 1, p.35-41, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBGA/article/view/1864/1370>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Secretária do Desenvolvimento Agrário (SDA). Governo do estado do Ceará. 2017. **Mais orgânicos na mesa do brasileiro em 2017.** Disponível em: <<http://www.sda.ce.gov.br/index.php/latest-news/46652-mais-organicos-na-mesa-do-brasileiro-em-2017>>. Acesso em 03 de fev. 2017.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa (SEBRAE). **O que é agricultura orgânica.** 2014. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-agricultura-organica,69d9438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em 07 de fev. 2017.

SOUSA, J. A. F. de. **Dinâmicas da agricultura e seus efeitos na sustentabilidade:** Casos de explorações bovinas no Norte de Portugal. 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Engenharia Zootécnica, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Vila Real, 2015. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/6548/1/msc_jafsousa.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

TACCONI NETO, E. A. **FATORES QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE NA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS ORGÂNICAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**. 2006. 89 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Engenharia de Produção, Ufrn, Natal, 2006. Disponível em:
<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14871/1/ErnestoATN.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

ANEXO A**QUESTIONÁRIO PARA CONSUMIDORES:**

1 . O (a) senhor (a) consome orgânicos?

☐ SIM

☐ NÃO

Caso a resposta seja não, por que não consome?

2 . Quais os produtos você mais consome?

3 . O (a) senhor (a) sabe os benefícios dos orgânicos?

4 . O (a) senhor (a) consome produtos produzidos por métodos convencionais, com agrotóxicos?

☐ SIM

☐ NÃO

Caso seja sim a resposta, qual dos produtos mais consome, orgânicos ou convencionais?

5 . Existe dificuldade para encontrar orgânicos?

☐ SIM

☐ NÃO

6 . Com qual frequência vem a feirinha?

☐ SEMANALMENTE

☐ MENSALMENTE

7 . Com qual frequência consome orgânicos?

☐ DIARIAMENTE

☐ SEMANALMENTE

☐ MENSALMENTE

ANEXO BQUESTIONÁRIO PARA O VENDEDOR:

1 . Além de vendedor, o (a) senhor (a) é produtor?

☐ SIM

☐ NÃO

Se for sim, onde é produzido?

Se for não, quem é o produtor, fornecedor?

2 . Qual fator impulsionou o (a) senhor (a) vender orgânicos?

3 . Além de vender, o (a) senhor (a) consome os produtos orgânicos?

☐ SIM

☐ NÃO

4 . O (a) senhor (a) tem muitos clientes?

☐ SIM

☐ NÃO

Seus clientes são fixos?

☐ SIM

☐ NÃO

5 . Existe dificuldade para trabalhar com orgânicos?

☐ SIM

☐ NÃO

Se for sim, quais?

6 . Sabe quais os benefícios dos orgânicos?

☐ SIM

☐ NÃO

Se for sim, quais?
